

Ataque ao jornalismo e aos meios de comunicação: colaboração e premediação no atentado do 11/9

Allysson Viana Martins*

Resumo

O ataque aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 causou implicações sociais de diversas instâncias, desde âmbitos políticos e econômicos até étnicos e culturais. Evidenciamos o 11/9 como um acontecimento marcante para a história da mídia e do jornalismo, de uma perspectiva estadunidense e ocidental. Objetivou-se com este artigo identificar as mutações na prática e na instituição jornalística – independentemente do meio em que o produto esteja assente –, como as lógicas de produção colaborativa (colaboração) e premediação, presentes e consolidadas, também, em 2011, nos especiais sobre os dez anos do atentado.

Palavras-chave: *Jornalismo. Colaboração. Premediação. 11 de setembro.*

* Doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA. Professor na Faculdade Social da Bahia.
E-mail: allyssonviana@gmail.com.

Introdução

Após o dia 11 de setembro de 2001, o mundo ouviria insistentemente notícias que traziam nomes como: World Trade Center, Torres Gêmeas, George W. Bush (filho), Osama bin Laden, Saddam Hussein, Al-Qaeda, Talibã, Afeganistão, Iraque, “eixo do mal”, dentre outros. O evento que mudou o mundo ocidental e que deu início ao novo milênio, conforme alguns defendem, ficou marcado pelo ataque (terrorista) ao World Trade Center e ao Pentágono. Quatro aviões foram sequestrados por integrantes do grupo islâmico Al-Qaeda. Dois derrubaram as Torres Gêmeas do World Trade Center, um foi em direção ao Pentágono e o último caiu em um campo da Pensilvânia. Este, endereçado a Washington DC, somente não cumpriu seu destino graças aos passageiros do avião que disputaram o controle da aeronave com seus sequestradores. Os ataques não deixaram tripulante algum vivo, bem como diversos mortos e feridos em decorrência do choque das aeronaves. Afirma-se que em média houve três mil vítimas, devido a apenas 20 sequestradores.

De maneira cronológica¹, a Torre Norte foi a primeira atacada. Às 9h46, o voo 11 da American Airlines se chocou com o World Trade Center. Dois minutos depois, o conselho de segurança do complexo de prédios informou que a Torre Sul não devia se preocupar, pois o edifício estava seguro. Às 9h49, a mídia entrou em cena com a CNN transmitindo, internacionalmente e ao vivo, o local do acidente. Alguns minutos depois, às 10h03, o voo 175 da United Airlines bateu na Torre Sul. Desta vez, o impacto do avião foi transmitido ao vivo pela TV. O terceiro ataque ocorreu às 10h37, quando o voo 77 da American Airlines atingiu o Pentágono. Às 10h45, a CNN noticiou esse novo impacto e, dois minutos após o anúncio, a emissora interrompeu a transmissão do ataque às Torres Gêmeas e colocou as imagens ao vivo do Pentágono. O último avião sequestrado caiu às 11h03, na Pensilvânia. O momento da queda do voo 93 da United Airlines foi transmitido pela CNN às 11h33, por meio do telefonema de um dos tripulantes.

A versão oficial veio pelas palavras do republicano George W. Bush, então presidente dos Estados Unidos, decretando Guerra ao Terror, isto é, ao terrorismo² causado pelos fundamentalistas islâmicos, que eram seus inimigos e de toda a humanidade. Às 0h01 de 12 de setembro, a CNN anunciou que o FBI, a CIA e o Pentágono estavam investigando Osama bin Laden, o milionário saudita líder e fundador da organização islâmica internacional Al-Qaeda. O grupo, que desde então era culpado pelos crimes, enfatizou três pontos que os incomodavam em relação aos

1 Todos os horários dispostos aqui estão de acordo com o horário de Brasília, que cobre praticamente todo o território brasileiro.

2 Aqui se trata da visão americana e, em alguma instância ocidental, de terrorismo e de quem propaga esse terror. Isso permite que atos semelhantes cometidos por seus aliados não recebam a mesma alcunha ou que não se busque compreender o motivo de determinada ação extremista.

Estados Unidos: a presença deles na Arábia Saudita, o apoio a Israel e as sanções ao Iraque.

Até hoje, contudo, algumas hipóteses ou teorias conspiratórias são levantadas, como exposto nas publicações da *Folha de S. Paulo* (SMITH, 2011) e do *The Guardian* (MCGREAL, 2011b), e outras já superadas, conforme relatado também em matéria do jornal britânico (MCGREAL, 2011a). Supõe-se, por exemplo, que havia pessoas ligadas ao governo dos Estados Unidos que tinham conhecimento sobre os ataques e não quiseram detê-los; que foram planejados pelo próprio governo americano, a fim de ter motivo e apoio popular para o início de uma guerra; que a destruição não passou de uma demolição controlada; dentre outros. O jornalista e blogueiro do *Estadão* Gustavo Chacra (2011) argumenta que a Torre 7 do World Trade Center caiu momentos depois das torres 1 e 2, mesmo que nenhum avião a tenha atingido. A versão oficial é de que detritos das Torres Gêmeas alcançaram essa outra torre, localizada a 100 metros de distância, incendiando alguns andares – embora se tenha conhecimento que outros edifícios em condições semelhantes ao redor do mundo, inclusive no Brasil, não desmoronariam. *The Washington Post* (WOLF, 2006) disponibiliza as respostas do governo americano às teorias conspiratórias, nos cinco anos do atentado. No mesmo período, a *Time Magazine* (GROSSMAN, 2006) relatou os motivos das hipóteses não se dissiparem.

Neste artigo, identificamos as mudanças causadas na prática e na instituição jornalística pelo atentado do 11/9, independentemente do meio em que o produto esteja assente, como as lógicas de produção colaborativa (colaboração) e de premediação (GRUSIN, 2010) – uma espécie de antecipação na mídia através de diversas abordagens possíveis sobre o futuro, evitando que algum acontecimento já não tenha sido (re)mediado (BOLTER; GRUSIN, 1999). Essas práticas também foram verificadas, já de maneira consolidada, nos especiais sobre os dez anos do ataque, em 2011.

Atentado ao (ou do) jornalismo

Apenas um ano depois do ataque do 11/9, os pesquisadores Zelizer e Allan (2002) organizaram uma obra não apenas reconhecendo a importância cultural, econômica, política e social do acontecimento, mas também sua influência em diversas instâncias do jornalismo, desde sua função e instituição até sua prática nas distintas mídias e plataformas. No caso brasileiro, os jornalistas Dornelles (2002) e Arbex Jr. (2003)

também produziram livros após os ataques³. Ambos verificam de que forma a mídia *mainstream* americana e a brasileira cobriram o atentado e seus desdobramentos. Os jornalistas produziram obras bastante semelhantes – causando até o reconhecimento por parte do Arbex Jr. (2003, p. 192), lançada um ano depois: “Certos trechos de sua obra [de Dornelles] mantêm, inevitavelmente, grande semelhança com análises, afirmações e exemplos contidos neste trabalho”.

O ataque permitiu que os jornalistas tivessem a oportunidade de exercer sua função de narradores principais da sociedade, lembrando ao público do potencial dos meios de comunicação, conforme defende Carey (2002). Todavia, a imprensa – a americana, a brasileira e a europeia – não perdeu tempo ao afirmar que esse foi o maior atentado terrorista já vivenciado. Walker (2006) descreve os ataques do 11/9 como únicos, dada a novidade do alvo e das mudanças nos meios de comunicação, que estavam alinhados aos ideais da direita, durante o 11/9, sendo impossível separar o que foi apenas a intenção do governo Bush e o que foi facilitado ou mesmo possibilitado pela mídia (DORNELLES, 2002). Na concepção de Walker (2006, p. 9),

the American press began to see President Bush in a new light and granted him increased leadership stature. The Indian press remained cynical about the President and proved unable to transcend the caricature of prior malapropisms and perceived ineptitude⁴.

A imprensa, em momentos de crise e segurança nacional, torna-se subjugada como qualquer instituição nacionalista (CAREY, 2002). De acordo com Dornelles (2002, p. 17), “o 11 de setembro, e seus horrores, deu a Bush condições de implantar seu projeto político de maneira mais rápida. A mídia colaborou intimamente”. Conforme criticaram Zelizer e Allan (2002, p. 11), o papel da mídia é “not to be a cheerleader for it; it’s to explain the new national solidarity, not to help forge it”⁵.

No *The New York Times*, circulava a informação de que, após o ataque de 11/9, os americanos estavam plantando informações falsas na mídia a fim de enganar o inimigo, influenciar o sentimento da população e formular políticas em países aliados e hostis. Esse mesmo jornal publicou um texto elogiando a Guerra do Afeganistão, dizendo que os Estados Unidos faziam uma ajuda humanitária, reduzindo o sofrimento

3 Os autores eram de meios de comunicações totalmente opostos, quando escreveram seus livros. Dorneles trabalhava no maior conglomerado de mídias no Brasil – as Organizações Globo –, tendo estado mais recentemente na TV Record – segundo maior grupo de televisão do país. Arbex Jr., por sua vez, é professor universitário e editor da revista *Caros Amigos*, uma das principais de centro-esquerda do Brasil.

4 “A imprensa americana começou a ver o presidente Bush com uma luz nova e concedeu-lhe maior estatura de liderança.” (Tradução nossa)

5 “Não ser uma líder de torcida desse patriotismo; é explicar a nova solidariedade nacional, não ajudar a forjá-la.” (Tradução nossa)

daquele povo. Para Navasky (2002, p. xvi), “in the aftermath of September 11 the national media have confused the questioning of official policy with disloyalty”⁶. A CNN, no primeiro dia da invasão ao Iraque, falava na libertação realizada pelos americanos, com a iminente derrota de Saddam Hussein, sendo um dos principais meios que apoiaram a guerra, afirmando que o atentado merecia uma reação militar imediata e que os Estados Unidos tinham a solução para o terrorismo. Os grandes jornais brasileiros – *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* – se dedicaram à cópia e à reprodução das publicações dos jornais e das agências americanas.

Ao alterar profundamente seu editorial e suas lógicas comunicativas mediante um diálogo maior com seus sites, as revistas – que estavam em declínio nas vendas – se salvaram. Na concepção de Curran e Witschge (2009, p. 106), “his orchestration of an immediate, international debate about the implications of September 11 caused the magazine’s audience to grow”⁷. Como a TV desperta mais emoção e deixa seu telespectador mais chocado com as imagens do que as outras mídias, a cobertura nesse meio sofreu uma ruptura sem precedentes, conforme revelam os pesquisadores Walker (2006), Zelizer e Allan (2002). A TV realizou cobertura 24 horas no dia do atentado e no dia seguinte, sem parar para fazer sequer um anúncio publicitário.

Na perspectiva de Grusin (2010), havia diferenças significativas ao acompanhar os ataques pela TV. Nenhum outro meio, nem mesmo o cinema, com suas imagens reais, teve tamanho apelo afetivo. E, por causa desse apelo, era mais fácil sair da internet para ir à TV do que o inverso. Isso foi intensificado pela pane na internet – não se conseguia acessar os sites dado o enorme volume de tráfego na Web. O Google guiou o espectador para a TV e o rádio, mantendo poucas matérias em *cache*, para que os leitores pudessem acessar e se situar no ocorrido.

Contudo, não foi somente a TV e a revista que se modificaram, o rádio também sofreu os rescaldos do 11/9. A Rádio Pública Nacional (*National Public Radio*) dos Estados Unidos realizou uma cobertura especial com apenas notícias do ataque, transmitindo 24 horas, sem intervalos, de modo semelhante ao que fizeram os canais de televisão. O acontecimento foi tão importante para os meios de comunicação, ressaltando e evidenciando sua função de mediação, que todos tiveram um consumo muito maior no dia do ataque e nos posteriores. Nos primeiros momentos, a recepção de conteúdo pelo rádio era realizada por 11% do total de fruidores. A televisão foi o meio predominante para o consumo da informação. Uma semana após

6 “No rescaldo do 11 de setembro a mídia nacional confundiu o questionamento da política oficial com deslealdade.” (Tradução nossa)

7 “Essa orquestração de um debate internacional e imediato sobre as implicações do 11 de setembro causaram um aumento no público da revista.” (Tradução nossa)

o atentado, os meios impressos – jornal e revista – assumiram e ganharam relevância social, graças ao seu desempenho na transmissão de informação ampliada e analítica.

A única mídia que registrou uma baixa no número de usuários nos primeiros dias do 11/9 foi a internet, pois o público teve problemas no acesso e na transmissão de seu conteúdo. Logo após esse decréscimo, todavia, o acesso havia aumentado significativamente. Os sites noticiosos nunca obtiveram tantos usuários consumindo seus materiais, tendo em vista a atualização constante – especificidade e característica do jornalismo na internet – de conteúdos sobre o atentado nesses veículos com espaço praticamente ilimitado e com acessibilidade a qualquer momento. A internet se tornou um meio de comunicação vital após o atentado de 2001, decreta Allan (2002).

Alguns críticos reclamam que, quando mais se precisou do webjornalismo, ele não foi eficaz, pois os meios de comunicação on-line ficaram inacessíveis durante as primeiras horas do ataque. Além da largura de banda baixa para a emissão de dados, o problema principal poderia acometer qualquer meio, pois estava relacionado aos defeitos decorrentes da destruição em si, como no caso das linhas telefônicas e os cabos cortados quando as torres desabaram. Para que os leitores acessassem a informação disponível, os sites removeram gráficos e algumas propagandas, buscando diminuir o tempo de carregamento e de leitura da página. Ainda assim, uns sites não tiraram totalmente a propaganda para que os usuários da internet tivessem acesso aos seus conteúdos, diferentemente da TV e do rádio, que retiraram todo o anúncio publicitário de sua grade, nos dois primeiros dias do ataque.

Enquanto os sites noticiosos permaneciam inacessíveis, os jornalistas e os usuários da rede utilizaram seus e-mails, as mensagens instantâneas, as comunidades virtuais, as listas de discussão, as salas de bate-papo, a fim de obter o máximo de informação possível. Os jornalistas, geralmente, solicitavam o contato de pessoas que pudessem testemunhar sobre o fato – hoje, a solicitação de fontes em redes sociais tanto por jornalistas como pelas empresas é comum. Muitos parentes foram contatados dessa forma. Além desse uso da internet, para finalidade de busca de informação, o jornalismo on-line desenvolveu algumas estratégias, listadas por Allan (2002): extensão da lista de e-mail, tanto para informar diretamente os leitores quanto para avisá-los sobre novos conteúdos no site; disponibilização de uma linha do tempo no site, para que os leitores pudessem acompanhar a cobertura mais facilmente; discussão com especialistas por meio das salas de bate-papo nos próprios sites dos veículos.

Outra estratégia foi a sinalização mediante a introdução de fichas ou vinhetas na forma de ícones, a fim de ajudar os usuários a diferenciar o que havia sido baseado em verdade e o que era apenas boato ou especulação. Atualmente, tivemos um exemplo bastante eficaz. Durante a Greve da Polícia Militar da Bahia, no início de 2013, o Twitter⁸ do *Correio** colocava em suas postagens as *hashtags* “#éboato” e “#éverdade” para melhor informar os seus leitores. Foi uma estratégia elogiada tanto por jornalistas e pesquisadores como pelos usuários locais da rede social.

Outro escape nas primeiras horas do ataque, no caso da internet, tendo em vista que os sites jornalísticos estavam sobrecarregados, aconteceu com os blogs, que funcionaram como meios de comunicação descentralizados. O pesquisador Leonardo Folleto (2009) acredita que foi a partir desse momento que o blog passou a ser usado de maneira ainda incomum, como uma modalidade do webjornalismo, diferenciada até do webjornalismo realizado em sites e portais por profissionais. Antes espécies de diários virtuais, os blogueiros americanos começaram a veicular em seus espaços informações do atentado, tirando proveito da proximidade presencial e física do acontecimento e da visibilidade que o dispositivo recebia.

Colaboração e premediação na imprensa

A produção do usuário e sua participação efetiva na construção das notícias começaram a se salientar por causa das câmeras portáteis, da ausência de publicidade e do fluxo contínuo de informações que chegavam. Como o desastre ocorreu em Nova York, onde os sistemas de comunicação se concentram, a cobertura do 11/9 estava repleta de câmeras, seja das emissoras ou dos indivíduos que presenciaram a tragédia. “Videotape was quickly available from freelance cameramen and boulevardiers who just happened to be in the area, and the full carnage and destruction were shown from every conceivable angle from the first attack forward”⁹ (CAREY, 2002, p. 73). Para que tanto conteúdo se escoasse, as publicidades foram sacrificadas em nome de uma cobertura ininterrupta.

Para o pesquisador português Alberto Sá (2011), o webjornalismo teve um primeiro e primordial uso no Caso Columbine, em 1999, ressaltando algumas de suas características e desenhando o que seria denominado “jornalismo cidadão”. Quando os dois estudantes de Colorado, nos Estados Unidos, atacaram a sua escola, o acontecimento se

8 CORREIO24HORAS. Disponível em: <<https://twitter.com/correio24horas>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

9 “O videoteipe tornou-se rapidamente disponível a partir de cinegrafistas *freelance* e *boulevardiers* que estavam na área, e a carnificina e a destruição foram mostradas a partir de todos os ângulos imagináveis do primeiro ataque em diante.” (Tradução nossa)

tornou notícia com interesse mundial praticamente em tempo real. Os espectadores acompanharam a história acessando os sites de notícias e das emissoras de televisões locais. Um momento de inovação ocorreu quando os jornais on-line começaram a incluir opiniões, comentários, fotos e mensagens advindas de seu público. “Alguns desses procedimentos seriam percebidos como configurando uma forma de ‘jornalismo de cidadão’ e o potencial permitia aos leitores da comunidade internacional uma melhor compreensão dos eventos pela descrição localmente contextualizada” (SÁ, 2011, p. 65).

Podemos afirmar, no entanto, que foi com o 11/9 que a colaboração e a participação do leitor se tornaram mais ativas e as especificidades do webjornalismo se evidenciaram. Os sites de notícia praticamente lançaram um manifesto com a ideia de colaboração para seus leitores, pois todos poderiam ser repórteres. Embora os sites tenham desenvolvido espaços para destinar e escoar a produção dos usuários, a internet não foi o único meio a se valer dessa realidade. Os telejornais realizaram várias coletas de vídeo do público para complementar suas reportagens.

Sá (2011) fala sobre a inovação do jornalismo baseando-se na participação e na colaboração no 11/9, citando o exemplo do *The New York Times*, que desenvolveu um mapa-múndi no qual era possível registrar geograficamente o local onde cada indivíduo se encontrava no dia e na hora do atentado. Os usuários ainda colocaram comentários, refletindo e trazendo detalhes sobre o ataque. O veículo trouxe, também, breves relatos de familiares, em que cada pessoa tinha uma pequena foto com um texto de até 200 palavras. O veículo americano se mostrou um dos jornais mais inovadores na cobertura do 11/9, renovando a relação com seus leitores de maneira mais aproximada, o que ficou evidente não apenas no especial *Retratos do luto (Portraits of grief¹⁰)*, mas em outros três episódios, apontados por Carey (2002): o primeiro foi a admissão do terror; o segundo, mostrar a redação de dentro; o terceiro permitiu que o jornal se tornasse mais aberto e próximo aos leitores: admitia erros e possibilitava diálogo através dos e-mails dos jornalistas, que eram disponibilizados.

A ideia de securitização, de segurança nacional, é a mais atentada pela mídia neste processo, sobretudo para corroborar a guerra e as decisões do presidente Bush. Para Walker (2006, p. 14), isso aconteceu de forma tão pungente que “those who pay the most attention to media coverage are the most likely to feel that their personal safety and security has been threatened”¹¹. Grusin (2010) verifica e traça a emergência

10 PORTRAITS of grief. *The New York Times*. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/pages/national/portraits/index.html>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

11 “Todos os que dão mais atenção à cobertura da mídia são os mais propensos a sentir que sua segurança pessoal foi ameaçada.” (Tradução nossa)

e a intensificação de uma lógica de premediação nos meios de comunicação norte-americanos pós-11/9. O fenômeno aponta que, antes, a mídia possuía uma lógica de remediação, porém, com o atentado, a atenção se volta à premediação dos fenômenos. Enquanto a remediação caracterizava a novidade das mídias no final do século XX, a premediação caracteriza a medialidade no início do século XXI, com a intenção de se certificar de que o futuro já está (re)mediado, ou seja, que o presente realize premediações. “Print, networked, and particularly televisual media began to concern themselves less with the immediate present than with the premediated future”¹² (GRUSIN, 2010, p. 13).

Essa modificação ocorre não apenas por causa dos traumas do 11/9, mas pelas novas tecnologias de mediação e pelas novas temporalidades que surgem em decorrência disso. Ainda assim, a premediação não apareceu por causa do ataque, embora seja evidenciada pelo acontecimento. Grusin (2010) explica que a premediação é um fenômeno que já emergia no decorrer da década de 1990. Contudo, de fato, a experiência do choque, do desespero e do trauma causado pela tragédia de 2001 fez com que a imprensa americana premediasse as situações possíveis e prováveis para que a população não tivesse mais aquele sentimento de surpresa.

A remediação se dava por uma dupla contradição: a imediação e a hipermediação. A imediação buscava apagar todas as formas de mediações possíveis, fazendo com que o espectador acreditasse na transparência e na realidade pura daquilo que estava sendo mediado. É a noção de que o meio pode ser ocultado, deixando o observador em contato direto com o conteúdo do objeto. Imediação representa a experiência de vivenciar tal transparência, como se aquele conteúdo e aqueles objetos realmente existissem. Enquanto isso, a hipermediação, de modo inverso, salientava esses processos de mediação, multiplicando-os e demonstrando todas as especificidades e potencializações do meio em questão, geralmente, evidenciando o que aquele suporte poderia fazer que o seu “concorrente” não conseguia. É a opacidade, a experiência da mediação em si, a consciência do observador ao saber que todo conhecimento que adquire é mediado por algum meio. O apelo por uma experiência autêntica do observador une essas lógicas contraditórias da imediação e da hipermediação como bases do processo de remediação.

Bolter e Grusin (1999) definem remediação como lógica formal na qual uma mídia renova ou remodela (*refashion*) as formas de uma mídia anterior, ou como o processo em que as “velhas mídias” são representadas

12 “A mídia impressa, em rede e particularmente televisual começaram a se preocupar menos com o presente imediato do que com o futuro premediado.” (Tradução nossa)

e até mesmo realçadas pelas novas mídias, recebendo novos propósitos (adaptando-se), formas e tipos de acesso ou uso (*repurpose*). O ponto-chave da remediação não se encontra nas alterações feitas, mas na ênfase das melhorias dadas à “velha mídia”. “We call the representation of one medium in another remediation, and we will argue that remediation is a defining characteristic of the new digital media”¹³ (BOLTER; GRUSIN, 1999, p. 45). A remediação expressa o modo como um meio é visto pela nossa cultura reformando ou melhorando o outro.

A hipermediação no evento dos ataques do 11/9 pôde ser percebida, por exemplo, quando a CNN colocou linhas de texto na margem da tela a fim de acomodar as diversas tramas possíveis, informando, continuamente, tudo o que pudessem sobre os acontecimentos em curso. A imediação após o atentado é observada pelo fato de que tudo se tornou conectado e “mais real”, pode-se buscar as informações cada vez mais facilmente – tudo isso por causa do trauma e do choque causado pelo atentado. A imediação aparece como uma conexão, uma rede sem restrições, podendo-se aceder aos conteúdos em qualquer momento, lugar e dispositivo. A hipermediação, por sua vez, passou a existir de modo mais afetivo, mediante a “multiplication of mediation among sociotechnical, commercial, and political networks”¹⁴ (GRUSIN, 2010, p. 2). A cobertura combinou, principalmente, a imediação da TV com a hipermediação da Web.

A premediação evita que a sociedade experimente algum outro acontecimento traumático sem ter sido previamente (re)mediado. A ideia é não manter o sentimento de surpresa, como se tudo que surgisse no futuro já estivesse sendo esperado de alguma maneira. Todavia, premediar não é o mesmo que prever. Na premediação, prepara-se para as diversas possibilidades do futuro, suas incertezas, cria-se um ambiente em que nada surpreende. A premediação remedeia o futuro no presente, para que o futuro já esteja remediado quando chegar ao presente e seja remediado também no momento em que se torna atual: “Premediation is not about getting the future right, but about proliferating multiple remediations of the future”¹⁵ (GRUSIN, 2010, p. 4). A mudança, dado o estágio de securitização após o 11/9, fez com que a premediação se dedicasse aos conceitos de afeto e de medialidade, ao invés de imediação e de hipermediação – como na remediação.

Zelizer e Allan (2002), um ano após o ataque, imaginavam que esse processo de premediação (sem usar o termo) se tornaria vigente, pois o

13 “Chamamos a representação de um meio em outro de remediação, e vamos argumentar que a correção é uma característica que define a nova mídia digital.” (Tradução nossa)

14 “Multiplicação da mediação entre as redes sociotécnicas, comerciais e políticas”. (Tradução nossa)

15 “Premediação não é sobre um dado futuro certo, mas sobre uma múltipla proliferação de remediações do futuro.” (Tradução nossa)

jornalismo se modificaria de tal forma que o trauma e suas consequências seriam primordiais para a elaboração da notícia. O jornalista brasileiro Dornelles (2002) também percebia esse movimento dos meios de comunicação, defendendo que o tom da cobertura do 11/9 era sempre de antecipar a guerra, que seria sem erros e sem vítimas. De modo semelhante, Arbex Jr. (2003) dizia que os Estados Unidos reservaram uma nova bomba para 2002: um programa estratégico que permitia rastrear os movimentos de todos os estadunidenses a fim de prevenir mais um ataque terrorista. Desse modo, mais uma vez, a ideia de premediar em função da segurança nacional estava sendo empregada não apenas pelos meios de comunicação, mas também pela administração do presidente Bush.

Percebemos, então, que a mídia premediou a guerra e estava alinhada com o governo de Bush, que fazia o mesmo. Essa premediação não ocorreu de maneira inocente, pois os jornais (impressos, radiofônicos, televisivos, on-line) serviram como propaganda de campanha para a Guerra do Afeganistão e a Invasão ao Iraque, causando uma sensação de inevitabilidade por parte da população civil. Mesmo que o conflito não se concretizasse, no futuro, poderíamos confundir o que foi verdade e as informações básicas, como quando o ataque teve início, quem atacou primeiro, entre outras questões. Dessa forma, Grusin (2010) se preocupa com os modos de comemoração do acontecimento, isto é, uma preocupação com a remediação do horror. O Projeto Renascer¹⁶ (*Project Rebirth*) é um exemplo de remediação visando à superação do terror que foram os acontecimentos do 11/9.

Conclusão: dez anos depois

O 11/9 é evidenciado como acontecimento marcante para a trajetória da mídia, do jornalismo e mesmo da recente história ocidental (CAREY, 2002; GRUSIN, 2010; WALKER, 2006; ZELIZER, 2011; ZELIZER; ALLAN, 2002). As várias mutações na prática e na instituição jornalística, independentemente do meio em que o produto esteja assente, como as lógicas de produção colaborativa e premediação, estão entre os principais argumentos sustentados. Maior participação e colaboração e uma evidente premediação não só tomaram conta da imprensa logo após o ataque de 2001 aos Estados Unidos, como estão presentes no cotidiano dos atuais meios de comunicação.

Em nossa dissertação (MARTINS, 2013), tivemos como *corpus* os especiais sobre o decenário do 11/9 nos sites jornalísticos: *Estadão*, *Folha*

16 O projeto, fundado por Jim Whitaker, consiste na reconstrução e filmagem no local do World Trade Center, realizando uma homenagem aos mortos. No documentário lançado em janeiro de 2011, a filmagem conta com a técnica de *time-lapse* e narra a história de algumas vítimas. Mais informações no site do projeto. (PROJECT Rebirth. Disponível em: <<http://projectrebirth.org>>. Acesso em: 20 dez. 2012)

de S. Paulo, *The Guardian* e *The New York Times*, a fim de verificar como a memória foi utilizada como recurso produtivo na tessitura do (web) jornalismo. Alguns conceitos foram aplicados, dentre eles: de *redes partilhadas da memória*¹⁷ (FERRAZ, 2010), de *seleção da memória coletiva* e de *uso do esquecimento*¹⁸ (SILVA, 2002), nos quais observamos os aspectos novos e atuais trazidos nas matérias, analisando ainda quais questões foram salientadas. Esses conceitos, por conseguinte, permitiram que verificássemos, por exemplo, os enquadramentos temáticos realizados pelos especiais dos veículos.

O enquadramento pode ser descrito, nos especiais sobre os dez anos do 11/9 dos jornais estudados, em sete tópicos: (1) *Ataques e guerras semelhantes*; (2) *Imperialismo e poder americano*; (3) *Respeito aos islâmicos e aos muçulmanos*; (4) *Posicionamento dos Estados Unidos e Guerra ao Terror*; (5) *Segurança e novos atentados aos Estados Unidos*; (6) *Celebração do 11/9 e homenagem às vítimas*; (7) *Lembrança e consequências do 11/9 e dos seus atores*. A noção de premediação – posição dos meios de comunicação (americanos) identificada por Grusin (2010) após o 11/9 – está relacionada à discussão sobre *Segurança e novos atentados aos Estados Unidos*. Embora o sétimo assunto tenha aparecido em mais publicações, os jornais tornaram a temática referente à premediação o segundo ou terceiro mais recorrente, com uma média de aparição de 10% (2/5) nos conteúdos. Esse recorte teve alta associação com o conceito de premediação, pois buscava sempre premediar novos e possíveis ataques, ou seja, “remediando” um acontecimento que ainda não existia.

Dez anos após o 11/9, pudemos observar a lógica de colaboração fortíssima no especial sobre os dez anos do ataque, especialmente no *The New York Times*. Baseado na colaboração e na participação dos seus leitores, o decenário do jornal dividiu todos os seus conteúdos em grandes temas (espécie de subeditorias), nos quais sempre há ao menos uma publicação contendo apenas comentários sobre questões de cada subseção específica. Esse fato ocorreu graças à colaboração dos leitores, dos quais o *The New York Times* se valeu para criar suas produções próprias, com caráter distinto e específico. O veículo utilizou, ainda, o mesmo recurso (mapa-múndi colaborativo) de participação de anos atrás, porém com aperfeiçoamento técnico. O infográfico passou a ser interativo com o mapa do planeta Terra permitindo que as pessoas marcassem onde estavam no dia do atentado, possuindo filtros dos sentimentos de

17 Para Ferraz (2010), as redes partilhadas da memória compreendem um sentimento compartilhado sobre algum acontecimento. Ele percebe que, em outros momentos, novos sentidos são produzidos por meio de processos interdiscursivos e estabelecendo associações com outros campos sociais, podendo, dessa maneira, modificar o sentimento original e primeiro.

18 O primeiro conceito possui uma relação com os enquadramentos com os quais o fenômeno é noticiado, podendo-se verificar mudanças ao longo dos anos por meio das comemorações e das celebrações. Segundo Silva (2002), isso ocorre por meio da segunda noção, isto é, do uso deliberado do esquecimento, operado e justificado pelo caráter seletivo da memória.

cada leitor¹⁹. O jornal americano tornou abundante a participação dos sobreviventes e dos familiares das vítimas, sobretudo com a inserção de publicações baseadas nos conteúdos dos cidadãos.

Attack at journalism and media: premediation and collaboration on attempt of 9/11

Abstract

The attack against the United States on September 11th in 2001 has caused social implications of several instances, from political and economic to ethnic and cultural issues. The 9/11 is presented in this article as a remarkable event for the media and the journalism in the American and Western perspective. This article aims to identify the practical changes and in the journalistic institution – regardless the mean in which the product is based – as the logics of collaborative production (collaboration) and premediation, also presents on the specials about the tenth anniversary of the attack in 2011.

Keywords: *Journalism. Collaboration. Premediation. September 11.*

Referências

ALLAN, Stuart. Reweaving the Internet: online news of September 11. In: ZELIZER, Barbie; _____ (Ed.). *Journalism after September 11*. London: Routledge, 2002. p. 119-140.

ARBEX JR., José. *Jornalismo canalha: a promíscua relação entre mídia e o poder*. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

BOLTER, Jay; GRUSIN, Richard. *Remediation: understanding new media*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1999.

CAREY, James. American journalism on, before, and after September 11. In: ZELIZER, Barbie; _____ (Ed.). *Journalism after September 11*. London: Routledge, 2002, p. 71-90.

CHACRA, Gustavo. A torre do WTC que desmoronou sem ser atingida por um avião no 11 de Setembro. *Guga Chacra*, 6 set. 2011. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/gustavo-chacra/a-torre-do-wtc-que-desmoronou-sem-ser-atingida-por-um-aviao-no-11-de-setembro/>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

CORREIO24HORAS. Disponível em: <<https://twitter.com/correio24horas>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

CURRAN, James; WITSCHGE, Tamara. Liberal dreams and the internet. In: FENTON, Natalie (Ed.). *New media, old news: journalism and democracy in the digital age*. London: Sage, 2009. p. 102-118.

DORNELLES, Carlos. *Deus é inocente: a imprensa, não*. São Paulo: Globo, 2002.

FERRAZ, Luiz. *Epidemia e memória: narrativas jornalísticas na construção discursiva sobre a dengue*. 2010. Número de folhas. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

19 WHERE were you on sept. 11, 2001? Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2011/09/08/us/sept-11-reckoning/where-were-you-september-11-map.html>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

FOLLETO, Leonardo. Blogosfera x campo jornalístico: conseqüências. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Racuero; MONTARDO, Sandra (Org.). *Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 199-215.

GROSSMAN, Lev. Why the 9/11 conspiracy theories won't go away. *Time Magazine*, 3 set. 2006. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,1531304-1,00.html>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

GRUSIN, Richard. *Premeditation: affect and mediality after 9/11*. Londres; Nova Iorque: Palgrave, 2010.

MARTINS Allysson Viana. *De volta ao passado nos dez anos do 11/09: tessitura da memória em uma nova ecologia midiática*. 2013. 246 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MCGREAL, Chris. 9/11 conspiracy theories debunked. *The Guardian*, 5 set. 2011a. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/05/9-11-conspiracy-theories-debunked>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

MCGREAL, Chris. September 11 conspiracy theories continue to abound. *The Guardian*, 5 set. 2011b. Disponível em: <<http://www.guardian.co.uk/world/2011/sep/05/september-11-conspiracy-theories>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2012.

NAVASKY, Victor. Foreword. In: ZELIZER, Barbie; ALLAN, Stuart (Ed.). *Journalism after September 11*. London: Routledge, 2002, p. x-xiii.

PORTRAITS of grief. *The New York Times*. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/pages/national/portraits/index.html>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

PROJECT Rebirth. Disponível em: <<http://projectrebirth.org>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

SÁ, Alberto. Arquivos dos *media* e preservação da memória: processos e estratégias do caso português na era digital. 2011. 328 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Minho, Portugal, 2011.

SILVA, Helenice. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, , p. 425-438, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14006.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

SMITH, Sebastian. Teorias da conspiração ainda desafiam a história oficial do 11/9. *Folha de S. Paulo*, 2 nov. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/968094-teorias-da-conspiracao-ainda-desafiam-a-historia-oficial-do-119.shtml>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

WALKER, Karen. Analyses of post-9/11 media coverage: a review of the communications literature. *Terrorism, Security and Diplomacy Through the Lens of Contemporary Rhetorical Theory*, 2006, v. 1. Disponível em: <http://www.rhetoricalens.info/images/911_media_analyses.pdf>. Acesso em: 18 de novembro de 2012.

WHERE were you on sept. 11, 2001? Disponível em: <<http://www.nytimes.com/interactive/2011/09/08/us/sep-11-reckoning/where-were-you-september-11-map.html>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

WOLF, Jim. U.S rebuts 9/11 homegrown conspiracy theories. *The Washington Post*, 2 set. 2006. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/09/02/AR2006090200527.html>>. Acesso em: 20 dez. 2102.

ZELIZER, Barbie. Cannibalizing memory in the global flow of news. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (Ed.). *On media memory: collective memory in a new media age*. United Kingdom: Palgrave Macmillan, 2011. p. 27-36.

ZELIZER, Barbie; ALLAN, Stuart. *Journalism after September 11*. London: Routledge, 2002.

Enviado em 19 de setembro de 2013.

Aceito em 3 de novembro de 2013.

